



Regata de botes baleeiros na Calheta de Nesquim

O Património Baleeiro dos Açores Herança e Reinvenção da Memória

Todos nós, nas ilhas, nos apropriamos do mar como essência de uma relação primordial, histórica e mítica. O mar - elemento essencial do nosso imaginário iconográfico e mitográfico - é a nossa razão de ser. Os barcos foram sempre, para os açorianos, um imperativo histórico-geográfico, uma ferramenta de sobrevivência económica, um objecto de contemplação estética e poética.

A recuperação de uma parte significativa do património baleeiro móvel dos Açores - botes e lanchas de reboque - deve ser considerada, muito provavelmente, como um dos mais emblemáticos projectos de reabilitação patrimonial, verdadeiramente ao serviço das comunidades, realizado nos últimos anos em Portugal.

Pela importância socio-económica que teve na vida das populações e pelo carácter épico-dramático de que se revestiu, a baleação deixou traços identitários bem vinculados na memória colectiva de muitas localidades açorianas.

Com o fim da caça à baleia, ditado por factores económicos e ambientais, nos finais dos anos 80, do século XX, ficou um valioso património de saberes, ao qual está associado um não menos importante património material, constituído pelas embarcações baleeiras (botes e lanchas de reboque) e a sua palamenta, e pelos edifícios e maquinaria que, em terra, deram corpo às actividades ligadas à baleação.

A baleação transformou-se, assim, numa

actividade-memória, consagrada e explicada nos museus e o cachalote renasceu como objecto de culto e consumo visual, emblema da identidade dos Açores.

Tendo em conta que todo o património baleeiro corria o risco de se perder, foram, a partir de 1998, tomadas medidas legislativas e assumidas políticas governamentais conducentes à sua revitalização e reutilização para fins culturais, desportivos, de educação ambiental, lazer e turismo. Iniciativas, portanto, de apoio à manutenção e fruição do património baleeiro que garantissem a sua preservação e transmissão, às futuras gerações, dos saberes e das tradições ligadas à baleação. As próprias regatas de botes baleeiros, um incontornável cartaz turístico da Região, foram consideradas património baleeiro regional, ganhando assim uma dimensão memorial e documental, no sentido histórico e antropológico.

Estas medidas governamentais, associadas a um esforço e motivação crescentes das populações locais, organizadas à volta de autarquias, colectividades, clubes navais e associações de cidadãos, tornaram possível a recuperação de um vasto património de botes baleeiros e lanchas de reboque na Região (45 botes e 11 lanchas). Surgiu, assim, em torno da recuperação e revitalização deste património, um amplo e importantíssimo movimento de cidadãos que, ao longo dos últimos anos, potenciou o desenvolvimento de novas dinâmicas patrimoniais e

culturais. Reanimou-se a carpintaria naval e o artesanato local; recuperaram-se e aprofundaram-se os saberes tradicionais associados às artes de marear; estimulou-se o gosto e o culto pelo mar, pelas actividades náuticas e pela cultura da baleação, identificando as comunidades com as suas memórias; intensificou-se o relacionamento entre os museus e as escolas. O património, recusando a sua mera função museológica e documental, deteve, assim, um papel de ligação entre o passado e o presente, assumindo-se como portador de novos significados. Ao mesmo tempo que se vence o esquecimento e se reabilitava a memória de uma cultura singular - *resistente* -, promovia-se, através de uma nova inventiva, a vivificação do património, colocando-o ao serviço da educação ambiental e da promoção e desenvolvimento económico, cultural, desportivo e turístico da Região. Numa lógica de afirmação da identidade regional e de verdadeira e assumida democratização do património como coisa nossa. ♦

MANUEL FRANCISCO COSTA JÚNIOR
MUSEU DO PICO
Manuel.FC.Junior@azores.gov.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura



Mestre João Baptista Medina

O Último Veleiro Artesanal dos Açores

Mestre João Baptista Medina nasceu em 1927, em Santa Cruz das Ribeiras, na ilha do Pico e faleceu, na mesma localidade, em 2008. Foi baleeiro até ao fim da caça à baleia nos Açores. Mais tarde participou nas regatas de botes baleeiros tornando-se uma referência como velejador. Mas é como *veleiro* - fazedor de panos de botes baleeiros - que João Baptista Medina se destacou, no plano regional, nacional e internacional. Partindo da experiência inovou, desenvolvendo aparelhos vélicos melhor adaptados à prática desportiva. Como último grande *veleiro* artesanal dos Açores, fez panos de botes para todas as ilhas e E.U.A. ♦



Regatas de botes baleeiros no canal Pico-S. Jorge

Regatas de Botes Baleeiros Açorianos

As regatas de botes baleeiros açorianos, como forma de celebração da nossa relação épica e mítica com o mar, remontam ao período da baleação. Realizavam-se nos portos baleeiros mais emblemáticos, associadas, sempre, a momentos festivos e comemorativos.

Com o fim da caça à baleia nos Açores, em 1984, as regatas ficaram confinadas aos portos picoenses das Lajes, Ribeiras e Calheta de Nesquim. A partir de finais dos anos 80 a participação estendeu-se à ilha do Faial. Só a partir dos inícios do séc. XXI, no âmbito do projecto de recuperação do património baleeiro - botes e lanchas de reboque - dos Açores, se assiste ao alargamento das regatas a toda a Região. ♦